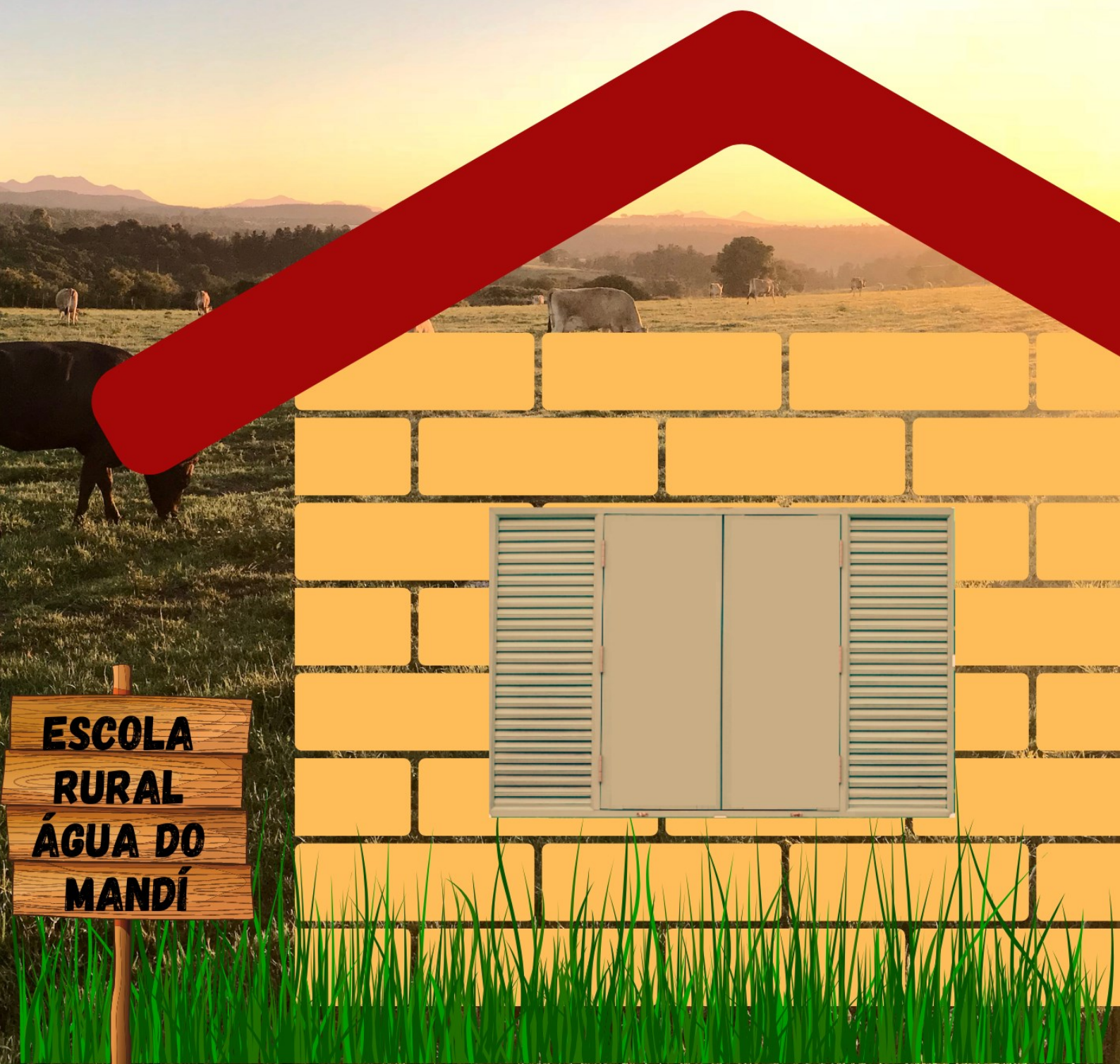


Registro histórico
de uma escola muito engraçada:
Escola Rural Água do Mandí

Juliana de Melo
Mirian Maria Andrade Gonçalves



**ESCOLA
RURAL
ÁGUA DO
MANDÍ**

JULIANA DE MELO

**Registro histórico de uma escola muito engraçada: Escola Rural
Água do Mandí.**

**Historical record of a very funny school: Escola Rural Água do
Mandí**

Produto Educacional da dissertação de mestrado intitulada “Era uma escola muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada...”: uma narrativa sobre a Escola Rural Água do Mandí”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *multicampi* Cornélio Procópio e Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Matemática.

Orientadora: Mirian Maria Andrade Gonçalves

LONDRINA

2021



4.0 Internacional

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Londrina



JULIANA DE MELO

**ERA UMA ESCOLA MUITO ENGRAÇADA, NÃO TINHA TETO, NÃO TINHA NADA... : UMA NARRATIVA
SOBRE A ESCOLA RURAL ÁGUA DO MANDI**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Ensino De Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Ensino De Matemática.

Data de aprovação: 08 de Dezembro de 2021

Prof.a Mirian Maria Andrade Goncalez, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Analete Regina Schelbauer, Doutorado - Universidade Estadual de Maringá (Uem)

Prof.a Linlya Natassia Sachs Camerlengo De Barbosa, - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 08/12/2021.

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, este é um registro histórico que conta uma história da Escola Rural Água do Mandí, localizada no município de Andirá, norte do Estado do Paraná, ao qual foi construído a partir de narrativas¹ de pessoas que tiveram contato com esta escola durante o período de 1947 a 1985, seu período de funcionamento, complementado com fontes históricas documentais disponíveis².

Ele foi elaborado a partir de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), multicampi Londrina e Cornélio Procopio.

A produção da narrativa que registra essa história foi inspirada na música “A casa”, composta como poema por Vinicius de Moraes e cantada por Antonio Pecci Filho (Toquinho), isto porque no decorrer da pesquisa, a pesquisadora se deparou com situações semelhantes aos trechos do poema e, que com adaptações são apresentados no decorrer da história.

Boa leitura!

¹ Os trechos de narrativas presentes neste arquivo estão em consonância com a paginação da dissertação. Para uma melhor compreensão, as textualizações se encontram ao final desse arquivo. As cartas de cessão de direito assinadas pelos colaboradores estão disponíveis nos apêndices da dissertação e os originais estão em posse da pesquisadora.

² As duas imagens apresentadas ao fundo da análise, é do acervo privado de Roseli Del Padre Gomes Feriatti, filha da Professora já falecida Paula Darci Del Padre Gomes.


Sumário

ERA UMA ESCOLA MUITO ENGRAÇADA... : UMA NARRATIVA	5
REFERÊNCIA.....	22
APÊNDICE	23

ERA UMA ESCOLA MUITO ENGRAÇADA... : UMA NARRATIVA

A história que contarei foi construída a partir do que ouvi e do que eu encontrei da Escola Rural Água do Mandí. Mas antes de conhecer essa escola, vamos voltar em 1927, ano em que foi construída uma Estação Ferroviária numa zona rural do Norte Pioneiro, denominada Ingá, que faz jus a uma espécie de fruta silvestre abundante naquela região. Conforme os anos passavam, essa região passou a ser povoada e, aos poucos, passou de zona rural para urbana, mas ainda assim permanecia o nome da Estação Ferroviária. A transformação dessa região para município ocorreu em 1943 e, como consequência, recebeu uma nova nomenclatura: Andirá! Não permaneceu o nome Ingá devido ao fato de no Estado da Paraíba ter um município com esse nome, mas Andirá é uma palavra indígena que designa uma espécie de Morcego, animal esse atraído pelos frutos do ingá. Andirá é o município em que foi construída a Escola Rural Água do Mandí.

Sempre tem um antes, antes da história da escola, a história da cidade, e nesse antes, sempre uma história, mas para contar uma história é necessário estabelecer um início, o início da história da Escola Rural Água do Mandí se dá em 1947.



ERA UMA ESCOLA MUITO ENGRAÇADA NO MEIO DO PASTO COM AS VACADAS

A zona rural do município de Andirá era povoada por famílias numerosas, que fixaram suas raízes na terra e dali retiraram seu sustento. Era muito pouco a frequência com que as famílias iam para a cidade, transporte não era tão comum como hoje. Devido a esse e tantos outros fatores, as escolas eram construídas nas proximidades das fazendas, não tinham estrutura específica, às vezes eram construídas do zero ou então adaptavam um local sem uso para uma escola. Não foi diferente com a escola Água do Mandí. O terreno foi doado pelo dono da Fazenda São Sebastião, que até então, era um local em desuso. As escolas rurais eram nomeadas ou de acordo com o nome da fazenda ou aspectos característicos a ela, nesse caso, “Água do Mandí faz referência ao riozinho que nasce ali na fazenda” (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 86).

QUE TINHA TETO MAS NÃO TINHA TUDO ERA UMA ESCOLA COM ALUNO SORTUDO E PROFESSORES QUE FAZIAM DE TUDO

Toda feita de tijolinhos à vista, chão bruto, com apenas dois cômodos, coberta com telhas de barro, mas isso não era incômodo. As portas eram de tramela que nem sempre resistiam a fortes chuvas, muito menos aos gados que ali rodeavam e quando as vacas escapavam do pasto, colocavam a cabeça dentro da sala de aula, o foco da aula se tornava outro, acariciar a cabeça da vaca, distrações da aluna Maria Aparecida que *“às vezes a gente estava dentro da escola e as vacas vinham e colocavam a cabeça dentro da sala, a gente corria acariciar a cabeça da vaca, a professora ficava brava (risos)”* (trecho da entrevista da aluna Maria Aparecida, p. 82). Quanto às características da localização dessa escola, não era exceção, o documentador Paulo ressalta que *“a maior parte das Escolas Rurais eram em casa de colônia, mas tinham escolas até no meio do pasto”* (trecho da entrevista do documentador Paulo, p. 69)



TODOS PODIAM FAZER PIPI NO CAFEZAL LOGO ALI

Organizada em apenas dois cômodos, sala de aula e uma espécie de almoxarifado, que com o tempo se tornou a cozinha. Assim como na música, não tinha pinico ali e nem mesmo estrutura para banheiro ou encanamentos sanitários, *“quando os alunos tinham necessidades tinham que fazer no meio do cafezal”* (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 87) ou para quem morava nas proximidades, corria para a casa utilizar o banheiro. O chão fora da escola era de terra, não havia muro ao seu redor, tinha árvores e barrancos, distração da aluna Ana Maria e de seus amigos, *“enquanto a tia Maria não chegava, ficávamos brincando no barranco”* (trecho da entrevista da aluna Ana Maria, p. 80)

Ao lado uma das poucas fotos, cuja disponibilidade nos foi possível, da fachada da Escola Rural Água do Mandí. Quanto aos elementos que a compõe, temos apenas a informação de que uma das professoras é Paula Darci Del Padre já falecida.

TODOS PODIAM SE ORGANIZAR NAS CADEIRAS PORQUE ALUNOS DE VÁRIAS TURMAS SENTAVAM EM FILEIRAS

Na sala de aula haviam carteiras duplas, “eram de dois alunos ou então tinha umas que cabiam 4 ou 5 alunos” (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 87). O professor se dedicava um pouco a cada fileira/turma, passava de carteira em carteira esclarecendo as dúvidas.

A leitura era feita silenciosamente e quando os alunos menos esperavam, a professora estava ali ao lado questionando o que havia lido. Os alunos ficavam sempre atentos, mas nem tão atentos assim para aqueles que copiavam a atividade do amiguinho sentado ao lado, e algumas vezes eram punidos com castigos ou com um puxão de orelha que acontecia no sentido literal da palavra, “uma vez a tia Maria escreveu ‘escreva o nome dos pais’, eu escrevi o nome da minha mamãe e do meu pai e minha prima não prestou a atenção e copiou de mim, mas era o nome dos meus pais. Quando a tia Maria viu, nossa, brigou um monte com ela (risos)” (trecho da entrevista da aluna Ana Maria, p. 79).

O conteúdo era ministrado no quadro negro dividido em partes, seguindo o número de turmas presentes. Se houvesse quatro turmas, quatro divisões, uma para cada turma, respectivamente.

Na base do improvisado, os professores se viravam como podiam, no caso da professora Theresa, se virava com um barbante para representar as linhas do caderno de caligrafia no quadro “eu pegava um pedaço de bar-

bante, passava giz nele e dois alunos esticavam esse barbante no quadro, eu pegava esse barbante só com as pontas dos dedos e o soltava, ele batia no quadro e deixava registrado a linha de giz” (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 89). Além do foco na alfabetização, eram ensinados outros conteúdos relacionados à Matemática, Português, História e Geografia, o básico correspondente a cada turma.

O acesso a novas tecnologias, como a calculadora, não existia, mas o caderninho de tabuada e régua não podiam faltar, materiais comuns nas aulas de matemática! A aluna Ana Maria relata que “nas aulas de matemática a tia Maria passava continhas de dividir, de vezes, de mais, de menos, de emprestar, algarismo romano, ensinava até a ver hora” (trecho da entrevista da aluna Ana Maria, p. 79).

Apesar das dificuldades, os alunos e as professoras se divertiam com o pouco que tinham. Diferente de alunos, professor e vacas que frequentavam a escola apenas em dias letivos, as baratas se faziam presente todos os dias, moravam ali mesmo na sala, atrás do armário e saía de vez em quando para atazanar os professores e divertir os alunos, “um dia eu estava na frente dando aula e uma barata sentou em mim, eu pulei tanto, mas tanto que esmaguei a barata (risos)!” (trecho da entrevista professora Anna Maria, p. 77).

O ensino era na modalidade multisseriado, em que cada fileira correspondia a uma série, “eram muitos alunos, teve época de 70 alunos” (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 86). Em conformidade com os documentos e com os relatos, durante todo o tempo de funcionamento, foi ofertado o ensino primário, conhecido também como ensino de 1ª a 4ª série, o que atualmente se remete aos anos iniciais do ensino fundamental.

Não havia livros didáticos e sem formação específica para lecionar, a professora Theresa fazia do calendário um material para lhe ajudar, *“nessa escola tinha um calendário de meses, em tamanho grande e ali tinha algumas estampas, por exemplo, animais, crianças correndo, brincando, etc., e os alunos faziam algumas atividades com bases nessas estampas. Eles deveriam descrever características de determinada estampa ou construir uma história”* (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 89).

Na época de 1951, em que a professora Theresa foi professora, ainda não era ofertada nessa escola a 4ª série, para cursar essa série era necessário que os alunos se deslocassem até a cidade. Há evidências nos livros registro da implantação da 4ª série a partir do ano de 1972.

Para comportar a quantidade numerosa de alunos, a escola era dividida em dois turnos, manhã e tarde, mas não necessariamente funcionavam os dois turnos simultaneamente. A professora Theresa afirma que *“com o passar dos anos foi diminuindo a quantidade de alunos e devido a isso, a prefeitura de Andirá informou que não pagaria mais dois períodos, por isso passou a funcionar só de manhã, então ficou bem acumulado, porque ficou primeiro, segundo e terceiro ano de manhã”* (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 87). De acordo com as fontes históricas, essa escola funcionou nos turnos matutino e vespertino simultaneamente, mas também funcionou só um turno, dependia da demanda de alunos.

Conforme os anos passaram, essa escola evoluía lentamente e mantinha a rotina diária do canto do hino nacional, sempre organizados em filas.

Em meados de 1973 essa escola passou a ter uma privada, que é uma espécie de cômodo isolado, geralmente de madeira, com um buraco no chão: *“para ir até a privada tinha que prestar atenção, às vezes quando os animais estavam soltos, a professora ia com a gente porque tinha vaca brava, a privada era para meninos e meninas, ia um de cada vez, a professora ficava controlando”* (trecho da entrevista da aluna Maria Aparecida, p. 82).

A presença de banheiros era uma exigência muito maior do que o espaço que foi doado, mas água seria o básico e esse básico também não lhes era fornecido. Água canalizada foi uma realidade distante durante todo o tempo de funcionamento dessa escola, para ter acesso a água, talvez não tão potável assim, os alunos se deslocavam até a mina e a traziam para armazená-la em um filtro de barro. Os alunos mais velhos eram considerados os mais responsáveis, por isso eles eram os encarregados por essa função.

Na hora da refeição, a união fazia a força. Os alunos levavam um pouco do que tinham em casa e a professora dividia sua profissão com a de merendeira.

De acordo com os relatos, de alguma forma os alunos eram alimentados ou se alimentavam na escola. Quem morava próximo à escola tinha o prazer de ir para casa se alimentar, como relata a professora Theresa, *“quem morava mais longe trazia seu lanchinho, eu e meus primos subíamos para casa que ficava há uns 300, 400 metros mais ou menos da escola para almoçar”* (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 87).

Na década de 1960, os alunos e professores se tornaram totalmente responsáveis pelas refeições feitas na escola, “*cada aluno levava o que tinha em casa, uns levavam chuchu, outros, cenoura, batata, cebola, etc.*” (trecho da entrevista da aluna Ana Maria, p. 79), de preferência era preparado algo prático e rápido. O espaço para o preparo da merenda era no almoxarifado que, com adaptações, se tornou a cozinha. A professora Anna Maria relata que “*o fogão era a lenha e os alunos buscavam lenha para que eu preparasse a merenda*” (trecho da entrevista da professora Anna Maria, p. 76). A partir do ano de 1966, o governo do Estado do Paraná passou a ajudar com leite e bolacha, mas ainda que com menos frequência, os alunos ajudavam com alimentos.

**TODOS PODIAM
ENTRAR NELA SIM
PORQUE SUA HISTORIA
NÃO TERA UM FIM**

Todos os alunos dessa escola moravam nas proximidades da fazenda, talvez nem tão próxima assim, mas cada um procurava uma maneira mais acessível e viável de se deslocar até a escola, *“tinha alunos que moravam até 5 km de distância da escola, alguns iam a cavalo, um ou outro tinha bicicleta, mas a maioria ia a pé”* (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 87).

Algumas crianças não tinham calçado, seja por condições financeiras mais precárias ou até por hábito de andar descalço... Essa questão do calçado passava despercebido na hora do recreio, momento de diversão, momento em que qualquer objeto virava brinquedo, entre si, todos se tratavam da mesma forma, sem distinção de sexo, classe social ou idade, *“não tinha filho de patrão, filho de empregada, a gente se dava tão bem... a gente corria, brincava, qualquer coisa virava uma bola, era uma época tão sossegada que você não tinha medo de nada, só das vacas que às vezes escapavam do pasto e vinham (risos), mas era uma época muito boa em que todos eram amigos, não tinha diferença nenhuma”* (trecho da entrevista da aluna Marilena, p. 85).

Não foi nada fácil lecionar nessa escola, a professora Anna Maria, por exemplo, saía de casa às 6h30 da manhã com o objetivo de ensinar, mesmo tendo apenas o giz em mãos. Apesar da precariedade, o respeito dos alunos toma frente em sua narrativa, isso que a fazia gostar de lecionar nessa escola.

MAS NINGUEM PODIA SER ATREVIDO PORQUE O RESPEITO DE CASA ERA CONCEBIDO

Essa escola funcionou por meio da colaboração dos alunos e professores, onde a união permanecia mesmo aos sábados, dia que era dedicado para a limpeza da escola. Quando chovia, a porta não dava conta de segurar os animais que buscavam por abrigo e então os alunos, nesses dias, ajudavam a professora a manter a sala organizada. Para isso, eram escalados os alunos mais velhos e, em especial, as meninas mais velhas designadas para lavarem a louça, atribuindo a elas desde cedo a função de doméstica, função exercida pela maioria das mães nessa época.

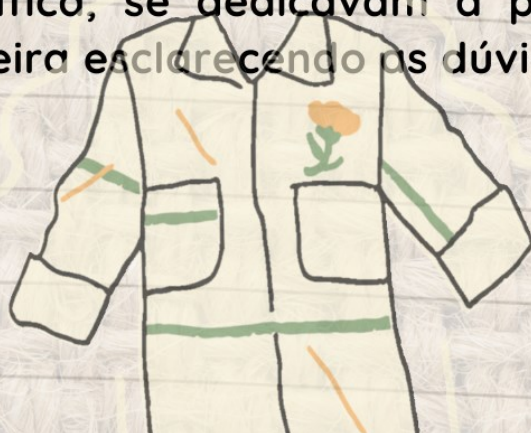
Esses são reflexos da sociedade naquela época em que os homens tinham mais direitos em relação às mulheres. Nos livros registro vimos a necessidade de separar o nome dos alunos por gênero (masculino e feminino) e não da forma como ocorre habitualmente nos dias atuais. Essa forma de diferenciação entre os nomes dos alunos perpetuou até 1977 que, apesar da evolução desses livros, os nomes dos alunos passaram a ser organizados em ordem alfabética, no entanto, para cada respectivo nome era obrigatório preencher o sexo, sendo isso uma instrução do Estado.

Escola pequena, sem luxo algum, mas que nas narrativas se faz presente uma valorização comum.

No tempo em que a professora Theresa lecionou, ela foi a única professora da turma. No entanto, na narrativa da aluna Marilena, em específico na década de 1960, foi relatado que as turmas eram divididas para dois professores de forma que cada professor ministrava o conteúdo para duas fileiras, complementa o documentador Paulo *“quando tinha muitos alunos, tinha um outro professor, então um dava aula para segunda e quarta série, o outro para primeira e terceira série”* (trecho da entrevista do documentador Paulo, p. 68).

O uniforme era o famoso “guarda-pó”, a professora Theresa relata os detalhes desse uniforme que, na maioria das vezes, eram confeccionados pela mãe, *“geralmente era feito de saco de farinha, porque naquele tempo a farinha vinha em saco de tecido, como as mães alvejavam muito bem, os deixavam mais branco e faziam esse uniforme...o das meninas eram abotoados nas costas com um cintinho que amarrava atrás e o dos meninos eram abotoados na frente”* (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 90)

Quanto à formação dos professores, eram raros os que tinham o magistério. Geralmente quem exercia essa função ensinava o que havia aprendido, a especialização acontecia ao longo do tempo, por outro lado, *“quem já era professor há anos, o Estado fazia uma espécie de inventário para formalizar a contratação”* (trecho da entrevista do documentador Paulo, p. 69). Apesar das dificuldades da época, os professores mesmo sem formação específica, se dedicavam à profissão, iam de carteira em carteira esclarecendo as dúvidas.



Durante o ano letivo os professores recebiam a visita da inspetora de ensino, cuja função era *“orientar os professores no preenchimento do livro de chamada, fazer a conferência desse preenchimento, além disso, nas visitas conversávamos com os alunos, olhava os cadernos, conversava com o professor se estava conseguindo cumprir com o cronograma e após as visitas fazíamos um termo de visita relatando tudo que aconteceu”* (trecho da entrevista da inspetora Creuza, p. 73).

Mensalmente, ou a cada dois meses, eram feitas reuniões com a inspetoria de ensino para orientar os professores sobre os conteúdos a serem ministrados nos próximos meses e até mesmo esclarecerem suas dúvidas. Ao final do ano a inspetoria de ensino elaborava o exame final, com o propósito de definir se o aluno ia ou não para a próxima série, havendo uma prova para cada turma. Para a produção desse exame era utilizado o mimeógrafo, mas evitava-se seu uso em dias chuvosos, devido à umidade relativa do ar que atrapalhava a secagem dos papéis.

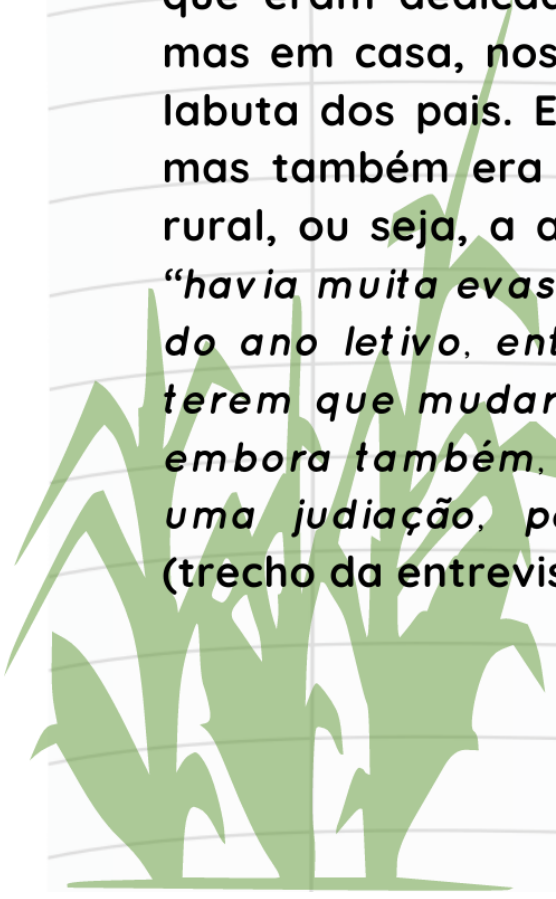
No dia do exame, os professores e alunos ficavam apreensivos, pois era posto em prática tudo aquilo que havia sido ensinado/apreendido, por outro lado *“depois dessa avaliação os professores ficavam aliviados e felizes, porque a maioria era aprovado”* (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 90).

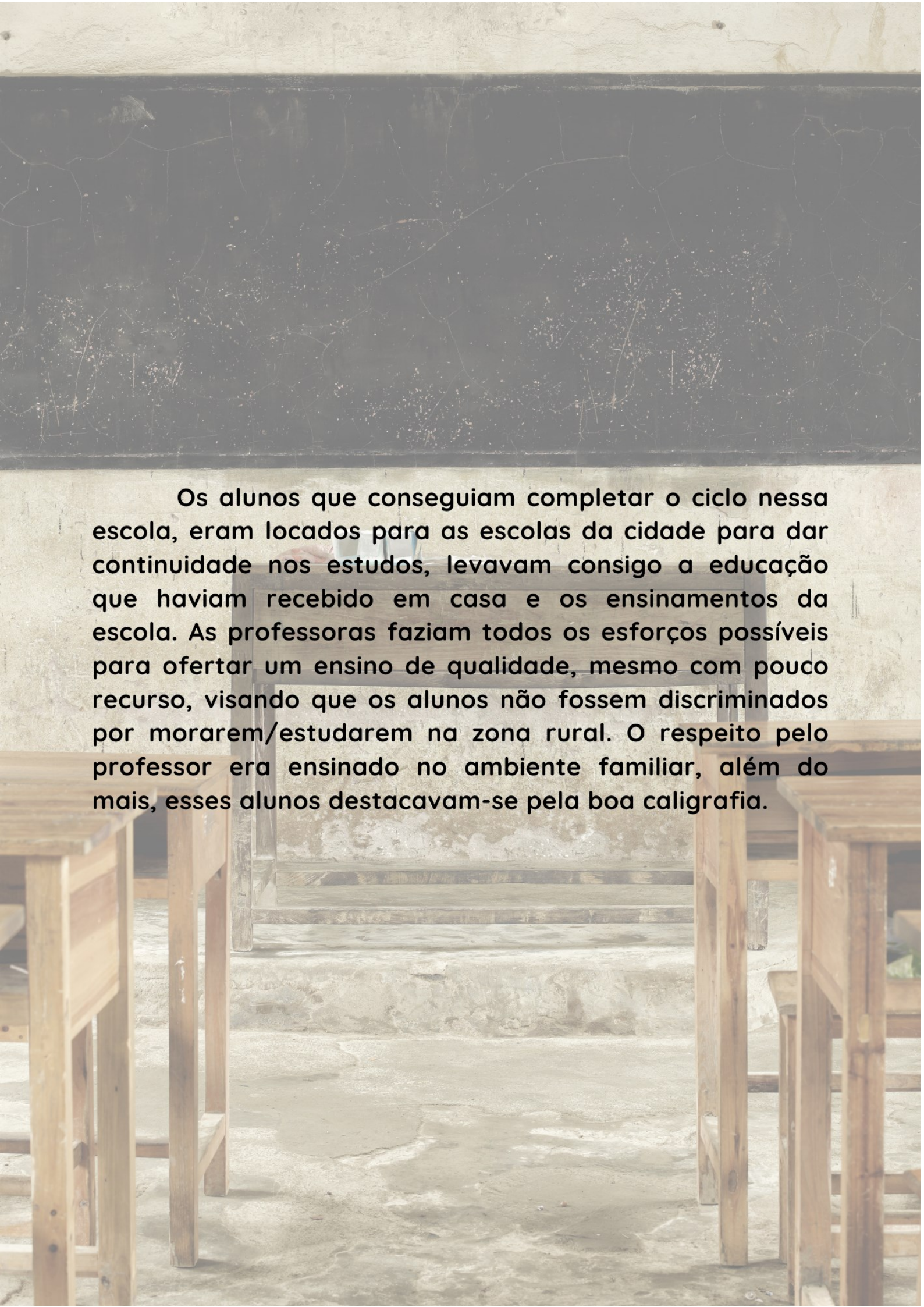


Se aprovado, não havia a necessidade de o aluno ser matriculado novamente, suas informações permaneciam as mesmas para o próximo ano letivo. Com relação à primeira matrícula, havia a necessidade de os pais irem até a escola para formalizarem, para isso, era necessário nome do aluno, nacionalidade, nome do pai ou responsável, residência e profissão, *“não pegava muitos dados, só o básico e depois conforme os alunos passavam de ano, a matrícula já era praticamente automática”* (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 88)

O registro de matrícula era feito pelo professor no próprio livro de chamada até o ano de 1979, por conseguinte a matrícula deixou de ser registrada no livro registro. As inspetorias de ensino, em suas visitas, acompanhavam o preenchimento desses livros registro, em algumas vezes, deixavam registrado sua assinatura e quando necessário, algum recado para o professor.

Essa escola era frequentada por alunos dos mais variados contextos sociais e de diferentes idades, alunos que eram dedicados não apenas nas tarefas da escola, mas em casa, nos afazeres domésticos e na roça, com a labuta dos pais. Era dela que saía o sustento da família, mas também era ela um dos grandes motivos do êxodo rural, ou seja, a agricultura que ajudava, os prejudicava, *“havia muita evasão escolar, o ano agrícola era diferente do ano letivo, então os pais muitas vezes acontecia de terem que mudar de fazenda/sítio, então os alunos iam embora também, até mesmo antes do exame final, era uma judiação, porque praticamente perdiam o ano”* (trecho da entrevista da professora Theresa, p. 88).



A photograph of a classroom. In the foreground, several wooden desks are visible, arranged in rows. The desks are made of light-colored wood and have a simple, functional design. In the background, a large blackboard is mounted on a wall. The blackboard is dark and appears to be made of slate or a similar material. The wall above the blackboard is a light, off-white color. The floor is made of concrete and shows some signs of wear and discoloration. The overall atmosphere is that of a traditional, perhaps rural, school environment.

Os alunos que conseguiam completar o ciclo nessa escola, eram locados para as escolas da cidade para dar continuidade nos estudos, levavam consigo a educação que haviam recebido em casa e os ensinamentos da escola. As professoras faziam todos os esforços possíveis para ofertar um ensino de qualidade, mesmo com pouco recurso, visando que os alunos não fossem discriminados por morarem/estudarem na zona rural. O respeito pelo professor era ensinado no ambiente familiar, além do mais, esses alunos destacavam-se pela boa caligrafia.

ERA ZELADA COM MUITO CUIDADO POIS ERA ÚNICA, ALI COM SIGNIFICADO.

Os pais tinham uma rotina corrida, então não conseguiam estar sempre presentes nas poucas reuniões escolares, mas na primeira Comunhão os pais tinham maior participação. Os padres se deslocavam até a zona rural para ouvir a confissão dos alunos. A primeira comunhão é onde se encerra um ciclo e começa outro, mas na história dessa escola, o mesmo não acontece.

A Casapueblo que inspirou a música “era uma escola muito engraçada”, tornou-se um museu, lugar onde a história faz morada, já na Escola Rural Água do Mandí os tijolinhos viraram pó que complementam o plantio de cana, mas apesar da estrutura física ser extinta, essa sua história será contada!



ESSA ESCOLA...

**ERA UMA ESCOLA
MUITO ENGRAÇADA
NO MEIO DO PASTO
COM AS VACADA**

**QUE TINHA TETO
MAS NÃO TINHA TUDO
ERA UMA ESCOLA
COM ALUNOS SORTUDO
E PROFESSORES
QUE FAZIAM DE TUDO**

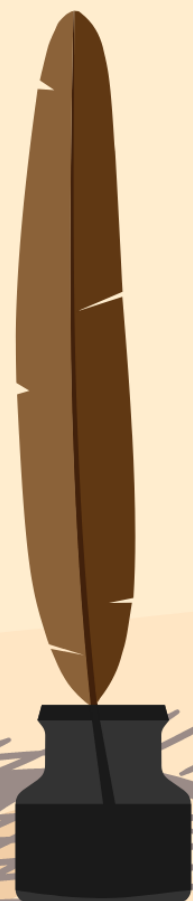
**TODOS PODIAM
FAZER PIPI
NO CAFEZAL
LOGO ALI**

**TODOS PODIAM
SE ORGANIZAR NAS CADEIRAS
PORQUE ALUNOS DE VÁRIAS TURMAS
SENTAVAM EM FILEIRAS**

**TODOS PODIAM
ENTRAR NELA SIM
PORQUE SUA HISTORIA
NÃO TERÁ UM FIM**

**MAS NINGUEM PODIA
SER ATREVIDO
PORQUE O RESPEITO DE CASA
ERA CONCEBIDO**

**ERA ZELADA
COM MUITO CUIDADO
POIS ERA ÚNICA, ALI
COM SIGNIFICADO.**



REFERÊNCIA

MELO, J.; **“Era uma escola muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada...”**: uma narrativa sobre a Escola Rural Água do Mandí. 2021. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2021.

APÊNDICE

Textualização 1- Documentador Paulo Bueno Godoy

Nome: Paulo Bueno Godoy.

Relação com a Escola Rural Água do Mandí: Documentador do Estado (1982³).

Data da entrevista: 29 de setembro de 2020.

Duração da entrevista: 37 minutos

Entrevista realizada de modo presencial.

Eu me chamo Paulo Bueno Godoy, tenho 69 anos, sou Licenciado em Educação Física e aposentado há 10 anos, dei espaço para os outros (risos)! Depois de aposentado não tive mais nenhum contato com as escolas, chega em um ponto de saturação que não dá mais! Apenas como professor, eu atuei por 36 anos, dei aula de 1975 a 1980 como Professor Suplementarista⁴ e depois passei a ser concursado. Nessa época, dar aula de Educação Física não era igual hoje que tem quadra de esportes, era embaixo do sol quente, todos disputavam a sombra de uma árvore. Comecei minha carreira como professor, dei aula em Icaraíma⁵, depois Umuarama⁶ e vim para Andirá assumindo o cargo de Documentador do Estado⁷. Assim que foi criado esse cargo eu já assumi, fui documentador de 1993 até 2005. Teve anos em que exercia a função de professor e documentador, pois às vezes, não conseguia 40 horas/aula para completar o padrão, então eu lecionava em um turno e era documentador em outro. Para ser documentador era necessário ser professor. De 1981 a 1984 eu atuei como diretor da Escola Mário Zacarelli⁸. Antes da existência do cargo de documentador, tinha o cargo de Inspetor⁹ do Município e do Estado, mas quando foi

³ Este ano corresponde ao ano do histórico escolar ao qual encontramos esse colaborador.

⁴ Segundo Machado (1987, p. 124) “[...] os professores suplementaristas são aqueles que recebem por hora-aula, sem direito a férias, ao décimo terceiro salário, a licenças etc.”

⁵ Icaraíma é um município do Noroeste Paranaense que dista aproximadamente 645 km de Curitiba, sua população no último censo (2010), foi de 8.839 pessoas.

⁶ Umuarama é uma cidade localizada no Noroeste do estado do Paraná que dista aproximadamente 588km de Curitiba, sua população no último censo (2010), foi de 100.676 pessoas.

⁷ Segundo informações encontradas no site do Núcleo Regional do Paraná (acesso em 20/02/2021), cabe ao documentador a função de “[...] orientar quanto ao preenchimento de Históricos Escolares e demais documentos que compõem a pasta individual dos alunos. Também compete emitir a certidão de regularidade de estudos e orientar quanto ao preenchimento e encaminhar os relatórios finais”.

⁸ A Escola Estadual Mário Zacarelli é, atualmente, a única Escola Rural em funcionamento no município de Andirá, localizada no patrimônio Nossa Senhora Aparecida.

⁹ O Inspetor Escolar orienta e inspeciona de forma geral o processo administrativo e pedagógico das escolas.

criado o Núcleo Regional de Educação de Jacarezinho¹⁰ localizado no município de Jacarezinho/PR¹¹, esses cargos foram extintos e criou-se o cargo de Documentador que era do Estado e o Município passou a ter um Secretário Municipal de Educação¹². Com a criação desse núcleo foram extintas as regionais que antes eram em Cambará e Bandeirantes¹³. Minha função, basicamente, era de receber os malotes de documentos vindos da Secretaria de Estado da Educação (SEED) por meio do núcleo, ou seja, semanalmente a SEED mandava os malotes para o núcleo, o núcleo distribuía para os municípios e eu os repassava para todas as Escolas Estaduais e, também, quando tinha alguma relação com o município eu passava as informações. Além disso, eu conferia todos os relatórios finais das escolas, tanto municipais quanto estaduais e verificava todas as informações contidas nos Históricos Escolares, por esse motivo que tem minha assinatura nos históricos. Todos esses documentos passavam por mim para depois serem encaminhados para a coordenação da documentação escolar. Nos malotes tinham documentos mais burocráticos, como por exemplo, portarias e decretos. O trabalho de analisar os relatórios finais e históricos de todas as escolas da cidade era cansativo, principalmente quando encerrava o ano letivo. Eu tinha até a chave da prefeitura porque, final de ano, eu ia às cinco horas da manhã trabalhar para dar conta de analisar todos esses documentos. Eu era documentador do Estado, mas tinha uma sala na Secretaria de Educação que ficava na prefeitura. A Secretaria de Educação era tipo uma Sede que se responsabilizava pelas Escolas Rurais e demais escolas. Apesar de ter a diferenciação de Escola Rural Municipal e Estadual, era o município que ajudava todas as escolas de modo geral, mas em algumas situações tinha ajuda do Estado para aquelas que se declaravam estaduais. Escolas Rurais de Andirá eram em grande maioria de responsabilidade do município e apenas três de responsabilidade do Estado, incluindo a Água do Mandí. O proprietário tinha o espaço abandonado na fazenda, que antes era um quartinho de guardar as coisas ou era do caseiro, que por algum motivo foi abandonada e, então, era feito um

¹⁰Os Núcleos Regionais de Educação (NRE) de modo geral, são intermediadores de informações entre a Secretaria de Estado da Educação e do Esporte (Seed) e as escolas públicas, sua função é orientar, acompanhar e avaliar o funcionamento da Educação Básica e suas Modalidades. Ao todo, no Estado do Paraná são 32 Núcleos Regionais de Educação. Antes de serem NREs, eram conhecidos apenas como Regionais, no entanto, concentrava um número menor de cidades, por exemplo, a Regional de Bandeirantes era responsável por Bandeirantes e Andirá, apenas.

¹¹ Localizada no Norte do Paraná, Jacarezinho é equidistante de Curitiba cerca de 400km. Sua população no último censo (2010), foi de 39.121 pessoas.

¹² Cabe ao Secretário Municipal de Educação promover uma gestão que busque garantir educação pública e de qualidade para a população.

¹³ Cambará e Bandeirantes são cidades vizinhas a Andirá, Cambará dista aproximadamente 19 km de Andirá e Bandeirantes, aproximadamente 19 km, também.

termo de comodato de imóvel¹⁴ para o Município ou Estado. Esse documento ficava guardado na Secretaria da Educação. A única Escola Rural que eu lembro que foi construída, foi o Dalossi¹⁵, o terreno foi doado e a prefeitura construiu. Minha função diante das Escolas Rurais, era praticamente toda a parte de secretaria, em outras palavras, eu fazia o que hoje faz um pedagogo. Eu ia até às Escolas Rurais, conferia os livros de chamada, por exemplo, e até escrevia boletim. Esse serviço era feito só para as Escolas Rurais Estaduais, as municipais eram de responsabilidade de alguém da Secretaria de Educação. Em meados de 1980 foram extintas praticamente todas as Escolas Rurais, agruparam uma grande parte no patrimônio¹⁶, que é a Mario Zacarelli, outra parte foi parar no Cinza¹⁷, que infelizmente pegou fogo, e também ficou o Dalossi, que não durou muito, pois as famílias, em sua maioria, mudaram para a cidade, fechando por falta de aluno. No início, tinha Escolas Rurais que funcionavam com o ensino multisseriado apenas com vinte alunos, era uma fila de carteira para cada série, nessa época, apesar dessas Escolas Rurais funcionarem em condições precárias, a aprendizagem realmente acontecia. Nessas escolas, o coitado do professor era o que fazia tudo, além da responsabilidade das aulas, preparava merenda e fazia a limpeza. Quando tinha muitos alunos, tinha um outro professor, então um dava aula para segunda e quarta série, o outro para primeira e terceira série. A maior parte das Escolas Rurais era em casa de colônia, mas tinha escolas até no meio do pasto. Todas as Escolas Rurais recebiam o nome da fazenda ou bairro onde se localizavam, a Água do Mandí eu acredito que seguiu esse critério. Nas Escolas Rurais Estaduais, a merenda era fornecida pelo Estado e tinha escola que tinha que dividir o espaço da sala [de aula] com a cozinha. Os professores municipais eram contratados por meio de um teste seletivo e os do Estado, eram por meio de outro teste seletivo, mas ambos os testes não eram rigorosos, eram apenas para formalizar a contratação. Tinha professores que gostavam de lecionar nessas escolas, mas tinha uns que lecionavam nelas porque não tinha outra opção. Para lecionar nessas Escolas Rurais, normalmente os professores precisavam ter o Magistério, pelo menos. No entanto, tinham situações em que o professor não tinha essa formação, mas já era professor há anos, então

¹⁴Termo de comodato é um tipo de empréstimo de um bem, mas que ocorre de forma gratuita, tipo uma doação.

¹⁵ Dalossi é o sobrenome de uma família que tem uma fazenda onde se encontrava a Escola Rural Escola Ângelo Dalossi.

¹⁶O Patrimônio Nossa Senhora Aparecida é comumente chamado apenas de patrimônio e dista aproximadamente 12 km de Andirá.

¹⁷Cinza é o nome do rio que passava próximo a Escola Rural Francisco Canhoto, esse rio ainda existe e é conhecido como Rio das Cinzas.

o Estado fazia uma espécie de inventário para formalizar a contratação desses profissionais. Conforme a coisa foi evoluindo, surgiu a preocupação das pessoas de terem um diploma, então era feito um tipo de teste para regularizar a situação dos alunos que estudaram em Escolas Rurais, no entanto, devido aos anos que se passaram, não tinha nenhum documento que comprovava a tal escolaridade e aí, nesse caso, esses alunos faziam esse teste para conseguirem um diploma. Quando o aluno ia do sítio para estudar na cidade e não tinha documentação que comprovava essa escolaridade, o núcleo aplicava uma prova para a averiguação do conhecimento desse aluno, para dar início ao estudo na cidade. Quanto à regularização do funcionamento das Escolas Rurais, eu acho que até antes de 1980 o funcionamento era regido pela lei 4024/61¹⁸, mas daí essas escolas forneciam apenas uma declaração de que o aluno estudou lá, depois foi criada a lei 5692/71¹⁹, em que passou a ser obrigatória uma autorização de funcionamento. Mas até a quarta série era suficiente apenas a autorização de funcionamento, isso você vê em qualquer histórico, da quinta série em diante, se não me engano, era necessário além da autorização de funcionamento, o decreto de reconhecimento do curso. A grosso modo, para o ensino primário não tinha muita burocracia de funcionamento até o surgimento da lei 5692, depois disso, ou regularizava ou era extinto. Eu não sei se essas legislações surgiram para melhorar a qualidade do ensino, mas sei que foi através delas que os alunos passaram a ter um documento especificando sua trajetória escolar. Informações do tipo reprova de alunos, eram registradas nos livros de chamada, mas antes disso há tempos atrás, há uma história que a turma da Inspeção ia nas escolas no final do ano aplicar uns exames, mas não sei dar muitos detalhes disso, porque não era da minha época (risos). Sobre os livros didáticos, tinha nas Escolas Rurais e era feita uma reunião na Secretaria de Educação para a escolha de qual coleção iriam utilizar. Os professores, se quisessem, poderiam participar. De modo geral, o ensino antes era outra coisa, nossa! Eu acordava 5 horas da manhã para ir para Assis²⁰ estudar, ficava lá até meio dia, isso de segunda a

¹⁸ A lei nº 4024 de 20 de dezembro de 1967 foi a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que estabeleceu diretrizes para o Ensino Primário que era composto por no mínimo quatro séries podendo ser ampliado para seis séries (BRASIL, 1961).

¹⁹ A lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971, retrata que o Ensino Primário foi substituído pelo ensino de primeiro grau, e objetivava a formação da criança e/ou adolescente, preparo para o trabalho e para o exercício da cidadania, além de ter duração de oito séries. Essas duas leis citadas, nº 4024/61 e a de nº 5692/71 foram instituídas com o propósito de reorganizar e reformular o Ensino Brasileiro (BRASIL, 1971).

²⁰ Assis é um município do interior do estado de São Paulo, localiza-se a oeste da capital do estado, distante 434 km de São Paulo e abriga uma população de aproximadamente 105 087 habitantes, de acordo com a estimativa do IBGE/2020.

sábado e eu aprendi muito, mas eu aprendi mais mesmo, quando comecei a trabalhar, mas os alunos tinham interesse, era diferente, hoje não tem condições.

Textualização 2- Inspetora Creuza Perugini Galdino

Nome: Creuza Perugini Galdino

Relação com a Escola Rural Água do Mandí: Inspetora Estadual de Educação (1982).

Data da entrevista: 20 de outubro de 2020.

Duração da entrevista: 1 hora e 10 minutos

Entrevista realizada por áudio de aplicativo de mensagens.

Eu me chamo Creuza Perugini Galdino, tenho 78 anos, atualmente estou aposentada, mas trabalhei como professora em várias escolas do município por 33 anos e, por 15 anos atuei como Inspetora Estadual de Educação do município de Andirá. Quando aposentei passei a exercer a função de vereadora, fui reeleita por quatro mandatos consecutivos. Sou Licenciada em Geografia, Pedagogia e após alguns anos, fiz um curso de especialização em Inspeção Escolar. Quando professora, eu lecionava Geografia, Educação Moral e Cívica e Economia política, que naquela época, constava no currículo. Assumi a administração das Escolas Rurais de Andirá no ano de 1970. Um padrão eu era professora e no outro eu era inspetora. Quando eu assumi, não havia muitas informações. Naquela época existiam 32 Escolas Rurais Municipais e Estaduais, se não me engano, era Patrimônio, Cinza e Mandí²¹. Não lembro ao certo, mas trabalhavam comigo mais três ou quatro pessoas. Eu sabia que na Escola Rural Água do Mandí, a dependência administrativa era do Governo do Estado do Paraná. Como o Estado pedia muito a metragem das escolas, eu levantei uma ficha das Escolas Rurais, ou seja, um resumo com informações sobre as escolas, ano de fundação, doação, metragem, número de alunos, nome dos professores, entre outras. Essas fichas eu deixei na Secretaria Estadual de Educação, mas não sei se esses dados ainda estão lá²². O terreno em que localizava a Escola Rural Água do Mandí foi doado pelo proprietário da fazenda. Era uma escola toda em alvenaria e funcionava em dois turnos, manhã e tarde. O 1º e 2º ano era com a professora Paula Darci²³ e o 3º e 4º ano era com a professora Licínia Vasconcelos²⁴. Esta escola, pode se dizer que era uma das melhores escolas da área rural, isso devido à

²¹ Patrimônio faz referência a Escola Rural Mario Zanarelli, Cinza a Escola Rural Francisco Canhoto e Mandí a Escola Rural Água do Mandí.

²² Segundo informações, na Secretária da Educação não tem mais nada das Escolas Rurais.

²³ Infelizmente a professora Paula Darci já faleceu.

²⁴ A professora Licínia também já faleceu, no entanto, foi por meio de uma entrevista feito pela sobrinha dela, que ficamos sabendo da existência dessa escola.

dedicação dessas duas professoras. Elas moravam por ali na localidade, conheciam todos os alunos e suas dificuldades, amavam demais os alunos. Essas professoras se empenharam tanto em lecionar, que naquela época, as crianças eram educadas integralmente. Os alunos tinham um guarda-pó²⁵ e o uniforme era impecável. Elas se empenhavam muito em ensinar a grafia, então a caligrafia dos alunos era impecável, eles eram muito educados, os conteúdos curriculares na ponta da língua, todas essas qualidades eram percebidas pelos professores das escolas da cidade, pois os alunos iam para a cidade terminar os estudos. Elas faziam todos os esforços possíveis para ofertar um ensino de qualidade visando que os alunos não fossem marginalizados²⁶ ao migrarem para as escolas da cidade. A merenda era feita pelos professores no período da manhã e da tarde. O Governo do Estado do Paraná fornecia a merenda e a prefeitura municipal fazia a distribuição. Vinha muito arroz e macarrão, mas tinha também leite em pó, uma espécie de carne condimentada e algumas frutas. Às vezes as crianças levavam um pouco de arroz, macarrão, principalmente na semana da alimentação, em que cada aluno levava o que tinha em casa ou plantado no sítio. Inclusive, essas professoras eram as responsáveis também pela limpeza da escola, que normalmente era feita aos sábados, todavia, contavam com a ajuda de algumas mães que moravam nas proximidades. Nos sábados não tinha aula, mas era dia de dedicação a limpeza e em alguns desses dias aconteciam as reuniões das inspetorias²⁷. Quando eu comecei a trabalhar como Inspetora, os materiais de limpeza eram comprados pela prefeitura, depois de um tempo o governo mandava uma pequena verba de acordo com a quantidade de aluno para ajudar na compra desses materiais. Como esse dinheiro não dava, a prefeitura complementava. Essa compra era feita por um departamento da prefeitura. Sobre a minha função de inspetora, tinha uma sala na antiga prefeitura, um tipo de secretaria. Tínhamos o cadastro de todas as escolas com informações de quantidade de alunos, nome dos professores e outras a respeito da escola. Inicialmente éramos subordinados a Bandeirantes²⁸ e depois, a Jacarezinho. As visitas às escolas eram feitas com transporte da prefeitura e aconteciam pelo menos uma vez ao mês. Nossa função era orientar os professores no preenchimento do livro de

²⁵ Guarda-pó normalmente é de tecido branco, é uma espécie de vestido com manga, seu comprimento que era até o joelho.

²⁶ Nesta frase, a palavra “marginalizado” significa não serem discriminados por morarem/estudarem na zona rural.

²⁷ Nessas reuniões, a equipe de Inspeção Estadual de Educação socializavam sobre as visitas que foram feitas até aquele momento.

²⁸ Quando ela assumiu a função de inspetora, o núcleo responsável era de Bandeirantes, depois passou a ser o de Jacarezinho.

chamada, fazer a conferência desse preenchimento, além disso, nas visitas conversávamos com os alunos, olhávamos os cadernos, conversávamos com o professor para averiguar se estava conseguindo cumprir com o cronograma e após fazíamos um termo de visita relatando tudo que aconteceu. A gente tinha um organograma²⁹ para fazer as visitas. Naquela época, as inspetoras de Bandeirantes eram muito dedicadas, inclusive, quando possível, elas vinham até as Escolas Rurais de Andirá. Quanto à formação dos professores, nem todos tinham magistério, mas com o tempo, foram se aperfeiçoando. Elas tinham um livro chamado Diário de Classe, nesse livro elas anotavam detalhadamente todo o planejamento das aulas, inclusive, elas anotavam até os exercícios que seriam trabalhados. Era difícil um professor da zona rural que fosse displicente³⁰. Mesmo os professores que tinham dificuldades em lecionar, sempre demonstravam interesse em se aperfeiçoar. A inspetoria ofertava alguns cursos básicos, que explicavam como tinham que ser os conteúdos e como deveriam ser desenvolvidos. A avaliação final dos alunos da zona rural era organizada pela inspetoria. Nós pegávamos os conteúdos que foram ministrados durante todo o ano letivo, em hipótese alguma selecionávamos conteúdos fora do cronograma e elaborávamos uma prova para cada série. Normalmente elas eram aplicadas pela inspetoria. Usávamos um mimeógrafo³¹ a tinta para passar as provas, eram feitas em estêncil³². Essas provas eram para serem aplicadas no mês de novembro, no entanto, esse mês é muito chuvoso e o mimeógrafo era a álcool, devido à estação chuvosa, as provas não secavam, além disso, borrava tudo, então essas provas eram aplicadas no mês anterior. Após alguns anos o Governo do Estado forneceu um mimeógrafo à tinta. As notas dos alunos eram baseadas nas avaliações feitas em sala e nessa avaliação final, ou seja, inicialmente fazia uma média das avaliações em sala, o resultado final era somado com essa avaliação final e dividido por dois, essa é a nota final do aluno que ia para o boletim. A extinção das Escolas Rurais no município de Andirá se

²⁹Organograma é um tipo de gráfico que representa a estrutura formal de uma organização, pode ser conhecido como Mapa Conceitual.

³⁰Professor irresponsável, que não se empenha no que faz.

³¹ Mimeógrafo é um instrumento utilizado para fazer cópias, pode-se dizer que foi uma das primeiras “impressoras” no meio educacional. Primeiramente o professor transcreve a atividade no papel extenso que é colocado no cilindro do mimeógrafo. É necessário colocar um pouco de álcool em um reservatório específico, para que ao girar o cilindro o papel extenso solte uma tinta que carimba a transcrição no papel sulfite que fica embaixo do cilindro.

³² Papel extenso é um tipo de papel em que num dos lados possui uma camada de tinta ou pigmento transferível, geralmente por contato. Qualquer coisa que colida com o lado oposto deste papel faz a tinta transferir.

deu por conta do êxodo rural³³, devido a estes acontecimentos e também para acabar com as classes multisseriadas, o Governo do Estado do Paraná nuclearizou as Escolas Rurais, ou seja, todas as Escolas Rurais do município se resumiram em apenas três Escolas Rurais, a do Cinza, do Mandí e o Mário Zacarelli. Todas as crianças da região eram levadas no Mandí e o 4º ano do Mandí era ofertado no Mário Zacarelli, o município levava os alunos para lá, antes as crianças vinham para a cidade. As pessoas que moravam na comunidade próxima à escola do Cinza, vinham para a cidade cursar o 4º ano. Essas três escolas que restaram passaram a ter uma melhor estrutura, tinha até uma zeladora³⁴. Eu achei muito bom esse processo de nuclearização, porque já não tinha muito alunos nas Escolas Rurais. Quando eu entrei, as salas eram numerosas, mas com o passar dos anos foram diminuindo a quantidade de alunos, porque os pais foram se mudando para a cidade, então havia uma despesa grande para o Governo do Estado manter essas escolas com poucos alunos. Quanto a esse decreto de funcionamento, ela só recebeu por causa da nuclearização. Quando essa escola foi extinta, eu já não trabalhava mais como inspetora. Gostaria de complementar essa entrevista com o nome de algumas pessoas que fizeram a diferença na educação dessa escola, sendo professores quando a Água do Mandí foi fundada, Alexandre Del Padre, Getúlio Del Padre, Ruth Possagnolo de Melo, Íone Possagnolo e Ione Possagnolo Iasbik. Tenho conhecimento desses professores, pois quando eu entrei tinha boletim assinado por eles e quando eu assumi trabalhei por aproximadamente quinze anos com as professoras Paula Darci Del Padre e a Maria Licínia Vasconcelos. Acho injusto não citar o nome das pessoas que trabalharam comigo como inspetora, cito a professora Iolanda Dias Godoy, a professora Palmira Geralo Julião e o professor Paulo Bueno de Godoy. Quando se fala nessa escola a primeira coisa que vem é uma saudade imensa de um tempo que não volta mais. Essa escola era localizada em um local que tinha uma paisagem linda, era uma escola pintada na cor branca, mas não com tinta, com cal. Chegando à escola, aquela criançada toda esperando cantando ou estavam em sala de aula e quando a gente chegava éramos recebidos com palmas. É essa a lembrança que tenho dessa escola!

³³ Migração do povo da zona rural para a cidade em busca de uma melhor qualidade de vida.

³⁴ Pessoa que fazia a limpeza e naquela época também preparava a merenda.

Textualização 3 – Professora Anna Maria Zanoni

Nome: Anna Maria Zanoni

Relação com a Escola Rural Água do Mandí: Professora (1980).

Data da entrevista: 04 de novembro de 2020.

Duração da entrevista: 56 minutos.

Entrevista realizada por áudio de aplicativo de mensagens.

Eu me chamo Anna Maria Zanoni, tenho 63 anos, sou formada em Ciências Biológica, pós-graduada em Educação Especial e Orientação Educacional e, por último, fiz a faculdade de Artes Visuais. Eu trabalhei nessa escola por um ano, se não me engano, foi no ano de 1980. Lembro que funcionava apenas no turno da manhã e apesar de estar localizada em uma fazenda conhecida, era uma escola precária, só havia uma sala de aula com uma lousa bem pequena, que era dividida em quatro partes, porque tínhamos quatro turmas. Tinha uma cozinha precária, não tinha biblioteca e os alunos iam para a escola de guarda-pó. A situação era tão precária que não tinha nem água encanada, os alunos buscavam água na mina, além disso, o fogão era a lenha e os alunos buscavam lenha para que eu preparasse a merenda, porque não vinha pronta. Foi difícil dar aula nessa escola, porque tinha que conciliar a função de professora com a de merendeira e ainda tinha que fazer a limpeza. Os alunos me ajudavam na limpeza e até mesmo a fazer a merenda, algumas alunas ajudavam a lavar a louça, ficava brilhando! Apesar de ajudarem, sempre tinha a preocupação de ficarem próximo ao fogo. Eu morava em Andirá, ia para essa escola com transporte terceirizado pela prefeitura, saía de casa 6h30 da manhã, inclusive ia de veraneio³⁵. A respeito da minha formação, estava concluindo o magistério³⁶. Eu era a única responsável pela escola, tinha a inspetoria que aparecia lá de vez em quando, mas pelo menos durante o tempo que trabalhei lá, não fizeram nenhuma visita, só apareciam final de ano para ver se alguém ficou para recuperação. Eu aplicava essa prova de recuperação, ela servia para tentar recuperar os alunos que não atingiram a média. Eu dava uma única avaliação por bimestre, no final se ele não tivesse atingido a média, fazia essa recuperação, mas nesse ano que dei aula lá, ninguém reprovou. Comecei e terminei com a mesma quantidade de alunos. Ainda mais, naquela época os alunos só recebiam

³⁵ Veraneio é um tipo de automóvel.

³⁶ Magistério é um curso técnico profissionalizando que preparam professores para lecionar na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Atualmente esse curso é conhecido como Formação Docente.

nota por meio de avaliação, não é igual hoje que tem nota de caderno e comportamento. Na sala tinha quatro turmas, as cadeiras eram de sentar dois alunos juntos e cada fileira representava uma turma. O quadro era dividido em partes que correspondia a cada turma, mas aqueles alunos colaboravam bastante, eles tinham interesse em aprender. Hoje é o professor o responsável por elaborar o planejamento, mas naquela época eu recebia o conteúdo pronto da Inspeção, eu só seguia o que eles mandavam e utilizava o livro como material de apoio. Os alunos não tinham material nenhum, na verdade, nem eu tinha, só tinha o giz, o quadro e a vontade de ensinar e eles, a vontade de aprender. A lembrança que eu tenho dessa escola, é que apesar das condições precárias, eu gostava de dar aula lá, os alunos respeitavam bastante, outra lembrança não tão agradável que eu não esqueço, é que um dia eu estava na frente dando aula e uma barata sentou em mim, eu pulei tanto, mas tanto que esmaguei a barata (risos)!

Textualização 4 – Aluna Ana Maria Vasconcelos

Nome: Ana Maria Vasconcelos

Relação com a Escola Rural Água do Mandí: Aluna (1975).

Data da entrevista: 06 de novembro de 2020.

Duração da entrevista: 1 hora.

Entrevista realizada por áudio de aplicativo de mensagens.

Eu me chamo Ana Maria Vasconcelos, tenho 56 anos, morei na Fazenda Água do Pacu³⁷ e estudei na Escola Estadual Água do Mandí, hoje sou trabalhadora rural e aposentada. Comecei a estudar nessa escola em meados de 1975, estudei da primeira à terceira série. Ia para a escola com o meu tio, mas quando ele não podia levar, ia a pé. Eu comecei a estudar meio velhinha, com 10 anos e fiz só até a terceira série, a quarta série eu fiz só por três meses, parei por vários motivos: tinha que trabalhar, mas também mamãe achava muito longe para ficar indo a pé, além disso, tinha muito moleque. A escola funcionava em dois turnos, manhã e tarde, eu estudava de tarde. Quando eu chegava da escola, às vezes ia buscar meu irmão que mamãe levou para trabalhar, depois voltava para ajudar nas coisas de casa, como por exemplo, lavar roupa na mina, ou se não, eu ia trabalhar na roça, carpir soja, colher algodão, colher soja, essas coisas de roça. A estrutura dessa escola era uma única sala, uma cozinha e não tinha banheiro, tinha uma privada³⁸. Minha tia Maria³⁹ que dava aula para gente, era professora e merendeira. Cada dia uma menina ia lavar a louça na mina, porque não tinha água encanada, além disso, para fazer a merenda, cada aluno levava o que tinha em casa, uns levavam chuchu, outros cenoura, batata, cebola, etc., além de levar o prato para comer. Lembro que de manhã era terceira e quarta série e a tarde, era primeira e segunda série, eu estudava à tarde, tinha uma lousa preta para a primeira série e a verde era da segunda série, e apanhávamos (risos)! A tia Maria era brava, puxava orelha, jogava apagador, dava livrada na cabeça, tínhamos que falar certinho com ela. O dever de casa tinha que ser feito, a hora que chegava na escola ela pedia para ir lá na frente fazer no quadro e se não soubesse, ali mesmo você apanhava. Eu como não era boba, levava uma colinha na mão (risos). Apesar de brava ela era uma

³⁷ A Fazenda Água do Pacu dista aproximadamente 10km da Escola Rural Água do Mandí.

³⁸ Privada nessa época era entendida como uma espécie de cômodo isolado, geralmente de madeira, distante da residência, que possui um buraco no chão.

³⁹ A Tia Maria é a Dona Licínia Vasconcelos. Naquela época, não aceitava batizar a criança que não tivesse nome de algum Santo, por esse motivo incluíram o nome de Maria, mas na certidão é apenas Lecínia Vasconcelos.

professora sensacional, tudo que eu sei, aprendi com ela, ensinava muito bem! A gente ia para a escola de guarda-pó branco, o material tinha que comprar, então a gente trabalhava para comprar um material melhorzinho, uma capinha para encapar os cadernos. Eu tinha muita vontade de ter aquelas canetinhas, mas não tinha. Na escola tinha alguns cadernos do governo, quando acabava o nosso durante o ano letivo, a tia Maria dava. A gente ia para a escola com o que tinha, às vezes de chinelo e até mesmo descalço. Nas aulas de matemática ela passava as continhas de dividir, de vezes, de mais, de menos, de emprestar, algarismo romano, ensinava até a ver hora. Não tinha calculadora, mas régua tinha, a gente desenhava círculo, quadrado, essas coisas. Tinha tarefa para casa, se não fizesse ficava de castigo. A tia Maria guardava o material dela em um armarinho, pura barata! Quem não fizesse a atividade, ficava de castigo atrás desse armário ou então ajoelhada perto da lousa em caroço de milho, mas eu nunca passei por isso, acho que porque era minha tia, mas outros eu já vi ficar. As carteiras eram de sentar em dois, então eu sentava com minha prima. Uma vez a tia Maria escreveu ‘Escreva o nome dos pais’, eu escrevi o nome da minha mamãe e do meu pai e minha prima não prestou atenção e copiou de mim, mas era o nome dos meus pais. Quando a tia Maria viu, nossa, brigou um monte com ela (risos). Não tinha reunião na escola, mas final do ano tinha o exame, que era uma recuperação para os que não atingiram a média, reunia o pessoal que estudava à tarde para fazer tudo de manhã e ia uma professora de Andirá para aplicar essa prova. Ela ficava andando pela sala junto com a tia Maria, depois a tia Maria corrigia as provas e tinha que ir buscar o boletim na casa dela. A tia Maria era professora, faxineira e merendeira, ela enchia o quadro de exercício e ia fazer a merenda. Nós tínhamos um livro de matemática que ficava na escola, tinha umas perguntas “Raciocínio e Solução” que você tinha que raciocinar e fazer as continhas. O dia que a tia Maria estava brava, ela vinha com o livro batendo na cabeça de cada um, toing! toing! toing! toing!⁴⁰ (risos). Ela cobrava leitura silenciosa, é assim: você fazia a leitura com a mente, daí a tia Maria passava do seu lado e perguntava o que você leu, então você tinha que ler de verdade. Quando se fala nessa escola eu lembro que ela era pintada de amarela, a lousa era verde e preta, as carteiras eram de madeira e se sentava junto com outra pessoa, tinha um pote de água na sala, um fogão na cozinha. Lembro também, do armarinho do castigo. Tinha uma estrada que descia, tinha a árvore figueira, enquanto a tia Maria não chegava, ficávamos brincando no barranco.

⁴⁰ Figura de linguagem para representar o barulho que fazia ao bater o livro na cabeça.

Textualização 5 – Aluna Maria Aparecida

Nome: Maria Aparecida Bertesin

Relação com a Escola Rural Água do Mandí: Aluna (1973)

Data da entrevista: 14 de abril de 2021

Duração da entrevista: 1 hora e 5 minutos

Entrevista realizada por áudio de aplicativo de mensagens.

Meu nome é Maria Aparecida Bertesin, tenho 59 anos, moro em Sorocaba-SP e sempre trabalhei em casa de família como empregada doméstica. Eu morei em Andirá enquanto criança, mas em meados de 1976 me mudei para Sorocaba. Meus pais faleceram e meu irmão era o responsável por mim, então ele veio para Sorocaba para trabalhar e eu vim junto. Eu estudei na Escola Rural Água do Mandí em meados de 1973, eu tinha 12 anos, estudei lá por pouco tempo, 4 ou 5 meses, porque minha mãe faleceu e não deu para que continuasse os estudos, pois me mudei para Sorocaba. Esse foi meu primeiro e único contato com a escola, depois disso nunca mais voltei a estudar, o pouco que eu sei é de muito esforço meu. O estudo lá era bom, eu lembro até hoje da minha primeira cartilha Caminho Suave e um caderninho de caligrafia, eu amava. O caderno de caligrafia era compridinho e tinha duas linhas para a gente treinar as letras do alfabeto para depois aprender a juntar as palavras. Eu morava no sítio do Nelson Del Padre e essa escola não era dentro do sítio, ela ficava situada em uma fazenda vizinha, eu ia a pé para a escola porque era pertinho. Essa escola era engraçada “risos”, era de tijolinho, as janelas eram de madeira, daquelas que abre em duas partes e tinha duas portas, às vezes a gente estava dentro da escola e as vacas vinham e colocavam a cabeça dentro da sala, porque a escola ficava no pasto, então corríamos acariciar a cabeça da vaca, mas a professora ficava brava (risos). As portas eram de tramela, às vezes quando chovia forte, os bezerros entravam na escola para se esconder da chuva e quando a gente chegava lá, a gente ajudava a professora a limpar as sujeiras que eles faziam. Essa escola tinha só uma sala e uma cozinha bem pequena que cabia só um fogãozinho. Na época o governo mandava um pacote de leite em pó, então a professora fervia a água para fazer aquele leite. Quando ia fazer alguma coisa, por exemplo, no frio a professora queria fazer uma sopa e nós levávamos de casa, a professora escrevia no papel o que precisava e cada um levava um pouquinho e o que sobrava a professora dava pra gente levar para a casa. Na escola não tinha água para beber, tinha que pegar da mina, acho que andava uns 10 minutos para chegar até ela e como eu e minha colega Madalena éramos as mais velhas da sala, éramos

as responsáveis por buscar a água e lavar as vasilhas da merenda. A escola por não ter segurança, entrava qualquer pessoa lá e às vezes levavam o leite em pó embora e a gente ficava sem. Antigamente usávamos privada, mas para ir à privada tinha que prestar atenção, às vezes quando os animais estavam soltos, a professora ia com a gente porque tinha vaca brava, a privada era para menino e menina, ia um de cada vez, a professora ficava controlando. Lembro que antes de chegar à porteira, tinha uma árvore e a gente ficava esperando a professora ali embaixo da árvore, lembro que era pouca criança. A gente a esperava porque tinham animais soltos. Eu não lembro muito bem o horário certo da aula, mas no período da tarde, mas lembro de que não terminava muito tarde porque a professora ia a pé para a casa dela. Em relação à sala, lembro que era pequeno, o chão era de tijolinho, tinha um quadro negro na parede e tinha uma mesinha bem antiga. A carteira era uma por aluno, lembro que tinha um espaço para colocar a bolsinha da gente, porque não tinha mochila, era uma bolsinha de pano, até porque era pouco material. Às vezes para apontar lápis, tinha que sair um pouco para fora para poder apontar. Minha professora era a Maria Aparecida Vasconcelos, era muito bonita, mas era muito brava, ela explicava umas duas vezes, se não entendesse ela ficava brava. Ela tinha uma unha que todos nós tínhamos medo, ela passava esmalte vermelho, às vezes ela só pegava com a ponta da unha no braço ou na pontinha da orelha e dava uma apertadinha “risos”, daí a gente tinha que aprender. O único uniforme que tinha era um guarda-pó, parece muito com a roupa de enfermagem. Eu nunca fiquei de castigo, mas tinha castigo, se desobedecesse a professora, ela deixava no canto, mas as crianças não eram como hoje que são muito rebelde, era uma geração calma. Não tinha reunião, se passasse de ano a professora falava que passou de ano, era só isso mesmo. Eu não sei se tinha boletim de nota porque eu não estudei até o final do ano, mas eu não peguei nada dessa escola quando parei de estudar. Sobre a matemática, eu não sei fazer conta direito, tenho um pouco de dificuldade, uso mais a calculadora. Apesar de eu ter ficado pouco tempo nessa escola, tenho muita lembrança boa, uma vez eu com a minha amiga Madalena, a gente se amava muito, não se largava, mas uma vez ela ficou muito brava comigo e ela queria me cortar com uma gilete, porque não tinha apontador, usava pedaço de gilete, fiquei com muito medo. A hora que eu saí da escola, a mãe dela estava vindo da roça, contei para a mãe dela que ela queria me cortar com a gilete, ela apanhou a hora que chegou em casa. Eu tenho muita saudade da minha amiga Madalena, mas nunca mais a vi, só ficou na memória.

Textualização 6 – Aluna Marilena

Nome: Marilena Aparecida Del Padre Toledo

Relação com a Escola Rural Água do Mandí: Aluna (1966)

Data da entrevista: 26 de abril de 2021

Duração da entrevista: 1 hora.

Entrevista realizada por áudio de aplicativo de mensagens.

Meu nome é Marilena Del Padre Toledo, estou com 62 anos, atualmente moro em Diamantina no Mato Grosso, saí de Andirá em 1976. Não estou trabalhando e nem aposentada, porque os livros de determinada escola que dei aula sumiram e infelizmente não consegui comprovar esse tempo de trabalho. Meu avô era o dono da fazenda Água do Mandí, onde ficava localizada essa escola, mas eu estudei lá por um ano, 1966, cursei somente a terceira série, primário na época. Depois voltamos para a cidade Andirá, porque minhas irmãs estudavam na cidade e moravam em casa de parente, então minha mãe resolveu voltar para Andirá. O nome dessa escola tem relação com o nome da fazenda do meu avô e também passava um riozinho na parte de baixo da fazenda que era chamado Rio Mandí. Eu estudava nessa escola no período da manhã, era uma única sala de aula, primeira e segunda série ficava em uma parte da sala e terceira e quarta série em outra parte, mas era tudo em uma sala só. A minha tia Paula Darci Del Padre era quem dava aula, mas tinha outra professora que não lembro o nome, ficavam as duas coordenando as quatro turmas. Na frente da escola tinha um local descoberto, um gramado, depois passava a estrada e mais para baixo tinha um pasto e atrás da escola era bem arborizado. A estrutura dessa escola era de material, tinha um telhado bom, tinha três salinhas, a sala de aula, uma sala menor que era para a merenda, que era o leite e alguma bolacha que vinha do governo e a cozinha. O banheiro era o mato, mas como eu morava bem ao lado, eu ia ao banheiro na minha casa. Nosso material e uniforme vinham do Governo do Estado, me parece que uma camiseta branca e um short marinho para os meninos e para as meninas uma saia, o material era gerido pela minha tia e ficavam guardados na minha avó, porque ali não tinha segurança. Os livros eram de português e matemática, não lembro se tinha das demais áreas, vinha caderno, lápis, borracha, tudo certinho, pelo menos na minha época nunca faltou material para os alunos. Tínhamos um caderninho com a tabuada para as aulas de matemática, tínhamos também régua, aprendíamos ângulos, essas coisas, a professora ensinava bem matemática e eu adoro essa matéria, então era uma aula que me interessava bastante. Vinha para gente um tal de lápis cópia,

era só para dia de prova, era um lápis que se você apagasse manchava tudo de azul, então a prova era feita com lápis comum e depois vinha passando por cima esse lápis cópia, borrava tudinho a prova quem tentasse apagar. Não lembro de castigo, as professoras eram firmes, mas não enérgicas, elas sabiam levar a turma, mas é claro que se ultrapassasse, era um bilhetinho ou encontrava a mãe pelo caminho e falava. O ensino acontecia como na cidade, tinha prova, diário escolar das presenças em que eram lançadas as notas e atas de reuniões. Essas reuniões aconteciam com os pais para conversar sobre os alunos, porque, por exemplo, eu e meu primo tínhamos orientações em casa, mas os outros que eram filhos de colonos passavam o dia todo em casa ou na roça junto com os pais, então as professoras orientavam um acompanhamento melhor para aqueles que pudessem cobrar mais as tarefas, cobrar o caderno, olhar a conservação do material e se tivesse algum caso mais grave, a professora chegava até a ir à casa dos pais para conversar. Tenho lembrança boa dessa escola, porque ali não tinha filho de patrão, filho de empregado, a gente se tratava super bem. Saía dali e ia aquela turma toda embora, cada um ia ficando em uma parte do caminho, a hora do recreio era muito divertida, todo mundo era amigo, os pais se conheciam, a gente brincava muito. Naquela época a gente era criado solto, na hora do recreio a gente corria, brincava, qualquer coisa virava uma bola, era uma época tão sossegada que você não tinha medo de nada, só das vacas que às vezes escapavam do pasto e vinham (risos), mas era uma época muito boa em que todos eram amigos, não tinha diferença nenhuma.

Textualização 7 – Professora Theresa

Nome: Theresa dos Santos Jambersi

Relação com a Escola Rural Água do Mandí: Professora (1951)

Data da entrevista: 31 de julho de 2021

Duração da entrevista: 1 hora e 50 minutos.

Entrevista realizada por áudio de aplicativo de mensagens.

Meu nome é Theresa dos Santos Jambersi, moro em Curitiba e sou aposentada já faz uns anos. Eu fui professora da Escola Rural Água do Mandí, mas cada Escola Rural tinha apenas uma professora, comecei a lecionar lá em março de 1951 e parei em março de 1957. Nasci e morei ali na fazenda que era da minha *nonna*⁴¹, passado um tempo minha *nonna* e meus tios adquiriram uma casa na cidade de Andirá, então tínhamos a casa no sítio e na cidade. Com 9 anos eu fui para a cidade para estudar e no final de semana a gente ia para o sítio. O nome Água do Mandí faz referência ao riozinho que nasce ali na fazenda e vai até o Rio Cinza, então vai passando por todos os outros sítios abaixo e como essa escola fica na fazenda, por isso o nome Escola Rural Água do Mandí. No começo, essa escola funcionava de manhã das 8h às 12h e depois da 1h às 5h ou 4h da tarde, não estou bem lembrada. Eram muitos alunos, teve época de 70 alunos, por isso era dividido em dois turnos, de manhã funcionava segunda e terceira série e de tarde apenas primeira série. Mas antes, quando foi criada, tinha muito mais alunos, porque tinham sítios que não tinham escola, então concentrava a quantidade de alunos. Com o passar dos anos foi diminuindo a quantidade de alunos e devido a isso, a prefeitura de Andirá informou que não pagaria mais dois períodos, por isso passou a funcionar só de manhã, então ficou bem acumulado, porque ficou primeira, segunda e terceira série de manhã, a quarta série era ofertada na cidade. Essa escola constava de uma sala grande em alvenaria coberta com telhas, mas não era forrado e tinham 6 janelas, um quadro negro e em anexo, tinha uma saleta onde a gente guardava alguns materiais de limpeza e tinha um filtro com água. Não tinha banheiro, quando os alunos tinham necessidades tinham que fazer no meio do cafezal. Os alunos mais velhos eram escalados para no sábado me ajudar a limpar a escola, eles pegavam água no riozinho que era longe dali e a traziam para fazer limpeza. Esses alunos também eram responsáveis por buscar água na mina para colocar no filtro, todos bebiam dessa água. Tinha aluno quase da minha idade, uns tinha 12, 13 anos e eu tinha

⁴¹*Nonna* é uma palavra italiana para se referir a avó.

apenas 14 anos. As carteiras eram de dois alunos ou então tinha umas que cabiam 4 ou 5 alunos. A gente dividia as turmas por fileiras mesmo e o quadro negro também, passava dois riscos, dividindo em 3 espaços, um para cada série. O ensino era geral, cada turma com seu respectivo conteúdo, mas depois eu ia na carteira ensinar um por um. O recreio era às 10h, quem moravam mais longe trazia o lanchinho, eu e meus primos subíamos para casa que ficava há uns 300, 400 metros mais ou menos da escola para almoçar, era costume no sítio almoçar cedo. Em meia hora a gente almoçava e voltava para a escola. Merenda escolar não existia, a merenda entrou na escola muitos anos depois, ali não tinha nem cozinha, nada dessas coisas. Sobre os alunos que moravam longe, alguns moravam até 5 km de distância da escola, alguns iam a cavalo, um ou outro tinha bicicleta, mas a maioria ia a pé, o interessante é que alguns iam descalços, não sei se era falta de costume de usar calçado ou se não tinham calçado. O uniforme dos alunos era chamado de guarda-pó que era uma espécie de jaleco. O das meninas eram abotoados nas costas com um cintinho que amarrava atrás e o dos meninos eram abotoados na frente. Esse uniforme, geralmente era feito de saco de farinha, porque naquele tempo a farinha vinha em saco de tecido, como as mães alvejavam muito bem, os deixavam mais branco e faziam esse uniforme. As crianças vinham limpinhas, a gente cuidava muito da higiene, passava uma revista nos alunos, para isso era escolhido um aluno mais asseado para ser o monitor, não lembro, mas acho que acontecia uma vez na semana, olhava as unhas, os dentes, se o cabelo estava em ordem e se a roupa estava limpa, isso acontecia no tempo que eu estudei e no tempo que eu lecionei. A participação da família era quase nula, só em caso de necessidades que era comunicado à família, por exemplo, se o aluno tivesse piolho. Mas a família em si, infelizmente não tinha grande participação na escola. Era difícil para os pais, porque eles trabalhavam muito e depois da roça tinham o serviço doméstico para fazer. Uma vez eu montei uma apresentação variada de atividades artísticas/culturais, aí sim os pais vieram para assistir. Eu também preparava as crianças para a primeira Comunhão, preparei várias turmas, naquela época a maioria era católica, nesse preparo e nessa primeira Comunhão os pais tinham maior participação. Essa preparação era feita depois do horário escolar e, quando estavam preparados, marcava-se com o padre a confissão e a Comunhão. Não me lembro agora, mas parece que o padre ia na fazenda no sábado ouvir a confissão, mas a Comunhão acontecia cidade na Igreja Matriz, no domingo, era um dia muito legal! As crianças se vestiam de branco, eu e minhas tias fazíamos coroinha para colocar na cabeça das meninas! Os pais vinham no começo do ano fazer a matrícula dos alunos, eu que fazia a matrícula, não pegava muitos dados, só o

básico e depois conforme os alunos passavam de ano, a matrícula já era praticamente automática. Havia muita evasão escolar, o ano agrícola era diferente do ano letivo, então os pais muitas vezes, tinham que mudar de fazenda/sítio, então os alunos iam embora também, até mesmo antes do exame final, era uma judiação, porque praticamente perdiam o ano. Para lecionar eu tinha o primeiro ano de ginásio, concluí o primeiro ano do ginásio em 1950. Esse foi o primeiro ano que teve ginásio na cidade de Andirá então eu fui da primeira turma, eu não tinha outra formação. Depois, quando a escola passou a ser Estadual a Secretaria de Educação do Estado do Paraná mandava, às vezes, alguns professores para fazer cursinhos e a gente foi se especializando. Mas na verdade eu fui ensinar aquilo que eu tinha aprendido e eu conseguia fazer isso, porque eu sempre gostei muito de ler, inclusive os alunos mais velhos dizem que aprenderam muito comigo, ontem mesmo uma prima minha, advogada, disse que foi muito bem alfabetizada por mim. Com o tempo eu me especializei em alfabetização, mas comecei ali do nada, sem formação específica, mesmo porque, na cidade quem tinha o curso de magistério eram praticamente duas professoras só. Eu fui contratada pela prefeitura, naquela época era difícil pessoas que tivessem um pouco de conhecimento para trabalhar nas escolas. Como a professora anterior a mim se casou, minha *nonna*, que era a minha avó que me criou disse para que eu voltasse para o sítio, para que eu pegasse essa vaga de professora, porque até então eu estudava na cidade. Além do mais, o ginásio passou a funcionar a noite e minha *nonna* não queria que eu estudasse a noite. Eu assumi a vaga de professora na Escola Rural Água do Mandí, mas passado um tempo chamaram a atenção de que eu como menor de idade não poderia estar trabalhando, então meu tio assinava por mim, como se fosse um tutor, daí eu continuei lecionando pela prefeitura. Após uns 5 anos que eu trabalhava, em 1956, o prefeito da cidade dessa época conseguiu nomeação para várias professoras das Escolas Rurais, e passamos da prefeitura para o estado, fomos nomeadas pelo estado. Além da alfabetização, tinha outras disciplinas que eram Matemática, Português, História e Geografia, era assim, o básico correspondente a cada turma. Apesar de muita matéria, a gente ensinava todo o conteúdo até a criança aprender, Geografia por exemplo, estudava o mapa do Brasil inteiro, estados e capitais, até a terceira série eles já sabiam essas coisas. Os alunos aprendiam muita coisa que hoje eu percebo que não sabem, não sei se é vantagem ou não. Naquela época chamávamos a Matemática de Aritmética, ensinávamos, por exemplo, algarismo romano, inicialmente era ensinado o básico, por conseguinte, era ensinado como os números são formados. As crianças tinham que desenhar os mapas no caderno, elas tinham um caderno de cartografia onde faziam os desenhos, era tudo

manual, não tinha nenhum material de apoio, tudo feito na “raça”. Não existia calculadora, a gente ensinava a dividir e multiplicar por 3, 4 algarismos. Isso tudo a gente começava a ensinar lá do começo, pegando na mão da criança para ensinar a fazer as letras, porque tinha alunos que não sabiam nem a segurar lápis, era muito precário a vida de algumas crianças, assim como tinham alunos com um desenvolvimento e condição melhor, filhos de sitiantes, por exemplo. Com o auxílio de um barbante e giz, eu representava o caderno de caligrafia no quadro negro. Eu pegava um pedaço de barbante, passava giz nele e dois alunos esticavam esse barbante no quadro, eu pegava esse barbante só com as pontas dos dedos e o soltava, ele batia no quadro e deixava registrado a linha de giz. Eu fazia as letras no decorrer dessas linhas e os alunos as reproduziam no caderno de caligrafia. Não havia livros didático, apenas livros de leitura; contos e literatura, além do mais, nessa escola tinha um calendário de meses, em tamanho grande e ali tinha algumas estampas, por exemplo, animais, crianças correndo, brincando, etc., e os alunos faziam algumas atividades com bases nessas estampas. Eles deveriam descrever características de determinada estampa, construir uma história com base na estampa, é isso, a gente tinha que improvisar, nem nas escolas da cidade tinha livros didático ou outro material de apoio aos professores. A inspetora de ensino era como uma diretora que cuidava das Escolas Rurais, mas frequentavam a escola apenas no final do ano para avaliar as crianças, era até um sufoco, tanto para o professor quanto para a criança. O dia que estava marcado o exame final, a inspetora vinha fazer uma verificação oral, a gente ficava nervosa. Uma vez ao mês ou a cada dois meses, essas inspetoras faziam reuniões com os professores para nos orientar quanto ao conteúdo das matérias desenvolvidas no mês seguinte ou no bimestre, podíamos até consultá-las se tivéssemos alguma dificuldade. Esse exame final era para verificar se os alunos estavam aptos a passarem de ano. A gente fazia a provinha escrita, a inspetora vinha e examinava essas provinhas e oralmente os alunos. Era difícil, os alunos tremiam, porque eles não estavam acostumados com pessoas diferentes, de repente chega uma equipe para fazer perguntas, cobrar leitura, fazer contas, ainda mais na frente da inspetora e de forma individual. Apesar do nervosismo, era bom que eles avaliavam o que havia sido ensinado, depois dessa avaliação os professores ficavam aliviados e felizes, porque a maioria era aprovado, isso acontecia em todas as Escolas Rurais. Os alunos faziam fila, tinha aquela disciplina para entrar na sala, cantava-se o hino nacional e outros hinos conhecidos na época, tinha até um hinário, que era um livretinho com os hinos, a gente procurava aprender por ali. Eu procurava manter o ritmo que tinha quando eu estudei. Ao falar sobre essa escola, vem

muitas saudades daquele tempo. Era muita felicidade ver os alunos aprovados, porque tinha alunos que entravam na escola sem saber segurar um lápis, mas depois saía escrevendo, lendo corretamente, era uma felicidade. Naquele tempo não existia o pré, eles iam direto para a primeira série, então tudo que eles sabiam era mérito deles e da gente! Era uma felicidade ver o resultado do seu trabalho, isso ninguém tira da gente! Eu gostaria de agradecer por essa oportunidade, de contar essa história, eu gosto muito de contar esses acontecimentos, sinto feliz de ter me convidado para essa entrevista!